

**“ESCREVA UMA CARTA PRA MIM”: RELATOS DE UMA  
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INTERCULTURAL COM ALUNOS DO  
COLÉGIO DOM ORIONE E DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA  
TEKATOR (TOCANTINÓPOLIS-TO)**

*"ESCRÍBAME UNA CARTA": INFORMES DE UNA EXPERIENCIA  
EDUCATIVA INTERCULTURAL CON LOS ESTUDIANTES DE LA ESCUELA  
DOM ORIONE E Y LA ESCUELA INDÍGENA TEKATOR  
(TOCANTINÓPOLIS- TO)*

Maria Luciléia Ferreira Carneiro Nogueira<sup>1</sup>  
Willian Costa de Medeiros<sup>2</sup>  
Carina Alves Torres<sup>3</sup>  
Ediléia Martins de Oliveira<sup>4</sup>  
Nayane Januário Costa<sup>5</sup>

**Resumo:**

O presente artigo relata uma experiência pedagógica realizada pelo PIBID de Ciências Sociais (UFT Tocantinópolis), chamada de “troca de cartas”. O objetivo principal foi desenvolver um encontro intercultural entre alunos do ensino médio de duas diferentes escolas campo do referido subprojeto do PIBID: o Colégio Dom Orione e Escola Indígena Tekator. Por meio da valorização e do (re) conhecimento da diversidade, presente nos diálogos entre esses alunos, pudemos trabalhar, de forma inovadora, temas clássicos relacionados ao ensino de sociologia, como cultura, diversidade cultural, etnocentrismo, entre outros.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, culturas indígenas, PiBID

**Resumen:**

En este artículo se presenta un experimento pedagógico realizado por PIBID de Ciencias Sociales (UFT Tocantinópolis), llamado "intercambio de cartas". El principal objetivo fue desarrollar un encuentro intercultural entre los estudiantes de secundaria a partir de dos diferentes escuelas campo de lo PIBID: la Escuela Don Orione y la Escuela Indígena Tekator.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Federal do Tocantins. Professora, coordenadora pedagógica e supervisora do PIBID na Escola Estadual Indígena Tekator. E-mail: [lucileianogueira@yahoo.com.br](mailto:lucileianogueira@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professor das disciplinas Filosofia e Sociologia do Colégio Dom Orione. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia São Miguel Arcanjo (FAFISMA), especialista em Docência do Ensino Superior e em Ensino de Filosofia. Mestrando em Ensino de filosofia – UFT. Também atua como supervisor do PIBID de Ciências Sociais. E-mail: [uc.medeiros38@gmail.com](mailto:uc.medeiros38@gmail.com)

<sup>3</sup> Discente do curso de licenciatura em Ciências Sociais. Bolsista do PIBID Ciências Sociais UFT. E-mail: [carinatorres123alves@gmail.com](mailto:carinatorres123alves@gmail.com)

<sup>4</sup> Discente do curso de licenciatura em Ciências Sociais. Bolsista do PIBID Ciências Sociais UFT. E-mail: [edileia.uft@gmail.com](mailto:edileia.uft@gmail.com)

<sup>5</sup> Discente do curso de licenciatura em Ciências Sociais. Bolsista do PIBID Ciências Sociais UFT. E-mail: [nayane.januario@gmail.com](mailto:nayane.januario@gmail.com)

A través de la apreciación y el conocimiento de la diversidad, presente en los diálogos entre estos estudiantes, trabajamos de una manera innovadora, temas clásicos relacionados con la enseñanza de la sociología, como la cultura, la diversidad cultural, etnocentrismo, entre otros.

**Palabras clave:** Interculturalidad, culturas indígenas, PIBID

## **1 – Introdução**

Neste trabalho apresentamos uma experiência didática conjunta que contou com a participação dos bolsistas<sup>6</sup> do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Licenciatura em Ciências Sociais (UFT – Tocantinópolis) e estudantes de duas escolas-campo vinculadas à atuação deste PIBID: O Colégio Dom Orione e a Escola Estadual indígena Tekator. Tal atividade foi chamada de “Troca de cartas”, onde alunos das duas escolas – uma urbana e outra indígena – procuraram conversar sobre seus cotidianos por meio de cartas. Tal atividade culminou com um encontro realizado na aldeia Cipozal, localizada em Território Indígena Apinajé, no município de Tocantinópolis-TO. A atividade possibilitou uma prática pedagógica abrangente e enriquecedora entre a Escola Estadual Indígena Tekator, localizada na Aldeia Mariazinha e o Colégio Dom Orione, localizado na área urbana (Tocantinópolis).

Apresentaremos melhor essa experiência, assim como seus desdobramentos, nos tópicos a seguir, principalmente por meio dos relatos dos supervisores e dos iniciantes docentes sobre o referido projeto.

## **2 – O valor pedagógico da “troca de cartas” para os discentes das escolas envolvidas: a análise dos supervisores**

Os relatos de experiências descrito nesta primeira parte do trabalho são frutos da nossa participação (Maria Luciléia e Willian) enquanto supervisores do PIBID do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis. O trabalho teve início no mês de junho 2015 e término em dezembro do mesmo ano. Trabalhamos com os estudantes indígenas da Escola Tekator alguns pontos principais dos textos das próprias cartas nas aulas da disciplina de sociologia, como: estrutura

---

<sup>6</sup> Faziam parte da equipe nessa ocasião: Prof. Dr. César Alessandro S. Figueiredo (coordenador), Maria Luciléia Ferreira Carneiro Nogueira e Willian Costa de Medeiros (supervisores), Bruno Aluísio Braga Fragoso, Caroline Soares, Carina Alves Torres, Ediléia Martins de Oliveira, Lidiane Conceição Alves, Nayane Januário Costa, Vanderly Ferreira Conceição (iniciantes docentes).

textual, criatividade, revisão gramatical e produção de texto, onde eles estariam trocando ideias sobre experiências da vida estudantil ou as demais relacionadas ao cotidiano, mostrando uns aos outros seus objetivos escolares e como visualizam o mundo nos seus vários aspectos, sejam eles políticos, econômicos, religiosos, culturais, etc.

Com os discentes do Colégio Dom Orione a ação contribuiu na desconstrução de equívocos e preconceitos existentes na cidade em relação ao povo Apinajé. A troca de cartas também propôs pensar um momento de culminância, onde aconteceria um encontro desses estudantes para se conhecerem e socializarem a importância dessa experiência.

## **2. 1 – O aprendizado para os alunos da Escola Tekator**

As dificuldades eminentes dos alunos indígenas Apinajé com base na leitura e na escrita em português colaboraram para essa atenção em torno da produção e da interpretação textual. As realizações do projeto “Troca de cartas”, que foram ações de promoção de um Intercâmbio Cultural, também se tornaram possibilidades de investir em outros aspectos da formação do estudante do Ensino Médio. Essa inovação metodológica ajudou a criar condições de despertar nos discentes o interesse para o mundo da Leitura e escrita e as discussões em torno das diferenças culturais e sociais. Tal projeto, para os alunos da Escola Indígena, permitiu ganhos expressivos no campo do aprendizado da língua portuguesa, além do aprendizado no campo da interculturalidade.

Em virtude dos avanços linguísticos e sociais, a leitura e escrita passam a ser vistos como elo entre as diversidades existentes hoje. A Escola Tekator, em parceria com o Colégio Dom Orione<sup>7</sup>, oportunizou aos participantes do “troca de cartas” uma aprendizagem voltada para a produção de texto e para a desconstrução de equívocos existentes, ajudando a diminuir as dificuldades apresentadas pelos alunos da 1ª à 3ª Série do Ensino Médio na leitura e na escrita. Para os indígenas apinajé, devido ao contato com as demais pessoas da cidade, a leitura e a escrita da língua Portuguesa tornaram-se parte de sua vivência social, pela necessidade da comunicação com os kupen<sup>8</sup>. A interação acontece quando os indígenas necessitam de ir à cidade fazer compras, ao banco, hospital, entre outros.

---

<sup>7</sup> O Colégio Dom Orione, também contemplado com o projeto de Aprendizagem, pode igualmente desfrutar dessa oportunidade de aprendizado, mesmo porque as dificuldades de leitura e escrita (em graus e contextos diferenciados) estendem-se também aos alunos dessa escola. Podemos ainda ressaltar que foi uma oportunidade para todos os alunos envolvidos interagirem com o mundo da leitura e da escrita.

<sup>8</sup> Termo da língua Apinajé para designar o não -indígena

A elaboração de tal projeto também partiu das dificuldades identificadas com os alunos indígenas na sala de aula, no estudo da Língua Portuguesa. Nos Baseávamos em discussões anteriores, bem como dos dados escolares extraídos em Conselhos de Classe, reuniões, planejamentos pedagógicos (entre outros), onde procurávamos soluções pedagógicas para essas barreiras. Em vários depoimentos, os professores indígenas (que conhecem bem essa realidade) declararam que realmente existe essa dificuldade, e que ela não se dá só na aprendizagem da língua portuguesa, mas também na Língua Materna. Segundo tais professores, os alunos sentem dificuldades no ensino bilíngue, causando certa confusão no momento da aprendizagem. Nesse sentido, a ação “troca de cartas” priorizou o desenvolvimento da leitura e escrita para que os alunos pudessem ter contato com outros textos escritos por outros alunos que não pertencessem a sua cultura. E a partir daí foi planejada e desenvolvida tal ação.

As primeiras cartas enviadas foram lidas e trabalhadas em sala, com atenção para os seguintes pontos: quem era o destinatário, a estrutura do texto, criatividade do aluno, a revisão gramatical.

Quinzenalmente aconteciam as trocas de correspondências entre os alunos. Eles demonstravam ansiedade pela chegada das cartas e questionavam à professora: “as cartas já chegaram? Será que não vão mais escrever?” Comentavam ainda: “eu estou com muita vontade de saber o que o meu amigo me escreveu!”. Sempre que a professora entrava na sala de aula com os envelopes em mão era uma alegria.

Figura 1- Leitura de carta pelo aluno indígena.



Figura 2 – Envelope de carta confeccionado.



Os professores participantes estavam satisfeitos com o resultado da ação. A comunidade participou também, lendo as cartas enviadas aos seus filhos, ficando ansiosos para conhecer os alunos do Colégio Dom Orione. A realização do projeto teve grande aceitação por parte de todos envolvidos, alcançando assim um índice maior na aprendizagem posteriormente. Todavia, não podemos deixar de citar que foram muitas dificuldades encontradas no percurso do trabalho, mas em nenhum momento pensamos em paralisar as atividades. Dificuldades essas que foram: problemas com o transporte escolar, queda de energia, mudança de tempo, estrada em péssimas condições, a inibição dos alunos, greve dos professores estaduais, entre outros.

Apesar da inibição, mesmo assim, eles estavam ali presentes, procuravam não faltar às aulas, principalmente no dia da realização das atividades do Projeto. Houve entusiasmo, vontade, participação e curiosidade. Para os indígenas, realizarem a escrita das cartas no português foi complexo devido à dificuldade no domínio da Língua Portuguesa.

A avaliação acontecia a cada atividade realizada: participação, leitura de textos, provas escritas, orais, avaliação em sala através depoimentos, declarando suas expectativas e os resultados esperados. Todos estavam conscientes de sua aprendizagem, a qual se percebe nos depoimentos. A aluna Denira, do 1º ano do Ensino Médio, disse para os professores que aprendeu muito e que foi uma experiência muito proveitosa para sua vida escolar. Declarou ainda que percebeu nos colegas de aulas um avanço. A mesma diz que a oportunidade de estar conhecendo outra escola e de estar interagindo com outra cultura era importante para eles.

A equipe escolar percebeu também que melhorou muito a interação dos alunos participantes do projeto (especialmente no dia da culminância) e com os outros que não estavam participando. Os professores participantes sentiram grande aceitação e o resultado esperado realmente foi atingido. Muitos deixaram a inibição e participaram ativamente. No encontro para conhecer o amigo correspondente os indígenas recitaram poesias. Mesmo com a sua timidez, mostraram a sua capacidade de escrever e recitar para os kupen.

Figura 3 - Momento de conhecimento do amigo correspondente



Figura 4 - Momento de conhecimento do amigo correspondente



Figura 5 - Aluna Mayara: Recitando poesia para os participantes



Figura 6 – Momento da Socialização



## 2. 2 – O aprendizado para os alunos do Colégio Dom Orione

No colégio Dom Orione foram selecionados alguns estudantes para participarem da ação. Ao selecionarmos tais participantes, demos preferência aos que almejavam ingressar em um curso superior após o Ensino Médio e que também desejassem conhecer a cultura Apinajé. Logo após a escolha dos alunos, demos início ao experimento. A primeira carta era para cada qual se apresentar e fazer perguntas relacionadas ao seu futuro interlocutor, seus interesses e sua cultura. A partir desse primeiro contato, o intercâmbio foi acontecendo e o diálogo fluindo. Realizamos esse experimento durante o segundo semestre de 2015 e os estudantes das duas escolas – no decorrer desse período -puderam efetuar uma comunicação buscando conhecer a visão de mundo e os objetivos pelos quais estudam. O professor do Colégio Dom Orione, Prof. Willian Costa de Medeiros e a professora da Escola Têkator, Prof<sup>ta</sup>. Maria Luciléia F. Nogueira foram os mediadores, atuando como “carteiros” no elo entre os estudantes envolvidos na ação.

Durante quatro meses, sem qualquer contato físico entre eles, mantiveram comunicação por cartas e no dia 14/12/2015 aconteceu a culminância da ação com a visita dos estudantes do Colégio Dom Orione na Aldeia Cipozal para que eles pudessem, agora, se conhecerem pessoalmente, ampliando os conhecimentos interculturais. Ação muito rica e reflexiva sobre as diferenças, onde puderam trabalhar e superar seus sentimentos etnocêntricos e preconceituosos.

O encontro aconteceu na Aldeia Cipozal por oferecer uma boa e ampla área de lazer para confraternizar e cada envolvido conhecer pessoalmente seu “amigo” com quem vinha trocando informações e dialogando durante o período. Neste encontro aconteceram uma roda de conversas, lanche, jogo de futebol e banho no ribeirão. Foi uma tarde muito divertida para todos os presentes, para além do frutuoso encontro entre as duas culturas.

Durante a culminância da ação os alunos e educadores da Escola Têkator prepararam um recital de poesias escritas e apresentadas pelos estudantes indígenas do Ensino Fundamental e Médio. Um eram recitadas na língua materna Apinajé e depois traduzidas para o português. Várias poesias foram recitadas para mostrar um pouco do pensamento da cultura Apinajé de forma lúdica. Neste acontecimento os estudantes do Colégio Dom Orione ficaram admirados e vários equívocos, como aqueles demonstrados por Bessa Freire (2002), Demarchi e Morais (2015) foram desconstruídos pelo fato dos Apinajé mostrarem sua intelectualidade e por serem bilíngues.

Principalmente para os alunos do Colégio Dom Orione, o trabalho visou propor uma discussão acerca da importância do reconhecimento dos povos indígenas na construção da identidade do povo brasileiro e pautada na lei que prevê a obrigatoriedade da mesma no currículo escolar onde diz: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (11.645/2008<sup>9</sup>).

Seguindo essa linha de ação podemos observar a dinâmica de se trabalhar o conteúdo sobre a cultura indígena nas escolas, principalmente quando não se tem um material pedagógico específico. Essa metodologia possibilitou uma problematização da relação entre os estudantes de Tocantinópolis com os estudantes indígenas Apinajé que, infelizmente, é marcada por conflitos com base nos preconceitos perpetuados por gerações e transmitidos através do processo sociocultural. Fazer uso da educação formal para tentar minimizar ou acabar com o problema também foi um dos objetivos do trabalho desenvolvido, como depõe a estudante Larah Eduarda<sup>10</sup>:

A experiência da troca de cartas foi para mim enriquecedora. Poder conhecer um pouco da realidade dos moradores da aldeia, compartilhar um pouco da nossa vida, sonhos e objetivos foi extremamente emocionante, como por exemplo, o sonho de ser professora de uma jovem indígena. A visita à aldeia me fez ver que, como uma sociedade em geral, a aldeia possui uma organização social, onde o cacique tem o papel de líder e a responsabilidade de representar os demais membros da aldeia. Essa experiência me proporcionou um conhecimento inigualável, me fez ver que somos todos iguais não importa a aparência, me fez sentir admiração por esse povo e um orgulho imenso das minhas origens. Devemos sim nos unir para proteger essa sociedade, manter viva essa cultura para que os brasileiros tenham respeito e orgulho dos índios.

Dinamismo eficaz, experiência de um grande valor pedagógico desenvolvido na disciplina de Sociologia sobre diversidade cultural e trocas culturais. Fica claro na fala da estudante o prazer em se apropriar desses conhecimentos unindo o útil ao agradável, ou seja, teoria e prática. Ensinar aos jovens estudantes a cultura indígena quando se tem a possibilidade de ir a campo mostrou ser um método muito eficaz, assim como também depõe o estudante Jônatas<sup>11</sup> sobre o Pibid e a experiência na ação da troca de cartas:

Particpei das atividades desenvolvidas pelo pibid da UFT de Tocantinópolis, que tinha convênio com o Colégio Dom Orione junto com o nosso professor e supervisor Willian Medeiros. Foi muito gratificante ter participado desse projeto, pois eu me auto evolui com meus conceitos, pois eu era equivocado, e depois de tudo aprendi e vi que meus pensamentos sobre o índio estavam errados. Participamos de palestra,

<sup>9</sup>LEI Nº 11.645, DE 10 março DE 2008, Art. 26-A.

<sup>10</sup>Larah Eduarda Santos Cavalcante, 17 anos, ex-aluna do Colégio Dom Orione em 2015 e atualmente acadêmica de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia na Universidade Federal Do Tocantins.

<sup>11</sup>Jônatas Carneiro Chaves, foi estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Dom Orione no ano de 2015, hoje se preparando para o Enem e vestibular.

fizemos teatro e várias outras atividades, mais a que mais tocou em cada participante foi a troca de cartas. Nosso professor foi o responsável para fazer essa atividade, ele foi uma espécie de “pombo correio”, para que houvesse esse intercâmbio entre nós e os alunos indígenas. Essa atividade nos ajudou a conhecermos como era o dia a dia deles e eles conhecerem o nosso dia a dia. Conhecemos a sua cultura a sua alimentação, músicas, costumes etc. Quando fizemos e perguntamos tudo o que queríamos saber um do outro, o professor Willian juntamente com todas as pessoas que faziam parte do grupo PIBID nos levaram para a aldeia Cipozal onde cada um encontrou o leitor e escritor de suas cartas. Naquele momento foi uma enorme alegria, pois nós conversamos, trocamos mais ideias e fizemos jogos, banhamos no rio, e ainda ganhamos presente deles que eles mesmo faziam, uma obra prima de artesanato. Foi muito, mais muito bom ter participado dessa atividade do PIBID.

Intercâmbio cultural divertido mostrado na fala do Jônatas, equívocos desconstruídos e conhecimentos abstraídos na convivência, no diálogo, na teoria e prática. Ele ainda destaca a importância do professor ao mediar os conhecimentos e atividades na ação pedagógica para conhecer a cultura do índio, especificamente do Apinajé. Passando pela mesma experiência, a ex-estudante do Colégio Dom Orione, Karoline Oliveira<sup>12</sup>, expressa seu depoimento dizendo que “tiram os olhos em relação ao índio” ao participar da atividade:

Enquanto cursava o terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Dom Orione, tivemos a oportunidade de interagir com povos de cultura indígena da aldeia Cipozal. Fomos orientados pelo professor de Sociologia, William Medeiros, e cada aluno tinha seu secreto amigo indígena, que só iríamos conhecer pessoalmente com a ida à aldeia. O primeiro contato com os indígenas ocorreu através de cartas, e passamos então quatro meses com as trocas de cartas, socializando uma cultura com a outra por meio de questionamentos. Até que certo dia fomos visitá-los para uma experiência mais viva e próxima da cultura do índio. O conhecimento em campo foi gratificante, pois tiramos os olhos em relação ao índio. E passamos a respeitar a cultura dos indígenas, pois, enquanto conhecemos um pouco da história e dos costumes de cada povo, desenvolvemos uma consciência crítica de valor e respeito.

Com a troca das correspondências estes estudantes tiveram a oportunidade de ver o indígena com outros olhos e perceber que são pessoas iguais, mas com costumes diferentes, que merecem respeito e valorização até porque fazem parte do povo brasileiro. Neste sentido a estudante Jhoyce Martins<sup>13</sup> fala da sua experiência em ter participado da troca de cartas:

Eu apreciei muito esse arranjo de socializar com os indígenas, essa valorização ampliou a minha concepção sobre eles. Os indígenas não se importam com lucho, levam uma vida simples e é uma opção deles, e nós temos que imitar essa maneira de pensar. Sem dúvida, foi uma experiência incrível respirar naquele ambiente original e singular. Fiz amigos e espero ter a oportunidade de voltar lá.

Muitos outros depoimentos poderiam ser colhidos para relatar experiências dos que participaram da ação, no entanto, os depoimentos citados já são suficientes para mostrar o

<sup>12</sup>Karoline Oliveira foi aluna do Colégio Dom Orione e participante da ação da troca de cartas no ano de 2015, hoje se preparando para cursar História na UFT, campus de Araguaína, início em janeiro de 2017.

<sup>13</sup>Jhoyce Martins foi aluna do Colégio Dom Orione e participante da ação da troca de cartas no ano de 2015 cursando a 1ª série do Ensino Médio.

efeito de se trabalhar com uma metodologia em que se une teoria e prática na desconstrução de equívocos e na promoção de uma sociedade mais saudável e harmônica no município de Tocantinópolis, especialmente na relação entre Apinajé e kupen. A troca de cartas promoveu entre os estudantes do Colégio Dom Orione e da Escola Têkator um diálogo intercultural, onde os estudantes da primeira escola tiveram a oportunidade de contato com a cultura indígena para assim desconstruir estereótipos sobre esses povos, como mostrou os depoimentos.

### **3 – Troca de cartas como prática pedagógica inclusiva e intercultural: contribuições para a formação à docência**

Entre as atividades do PIBID desenvolvidas no ano de 2015, a troca de cartas teve maior relevância, pois nos possibilitou maior credibilidade nos espaços de atuação escolar, garantido pelo sucesso da troca intercultural. Tal atividade tornou-se uma estratégia didática, ampla e prática, capaz de corresponder às expectativas apoiadas no plano de trabalho que desenvolvemos durante esta ação. Nesse sentido, foi possível aprender como a atividade de troca de cartas, que nos proporcionou enxergar novos métodos pedagógicos capazes de dialogar com realidades distintas em seu aspecto sociocultural, assim como identificar o espaço da aldeia como um campo de atuação para inovações e efetivações de práticas educacionais diferenciadas e interculturais. Para melhor compreensão sobre interculturalidade, Ereni (2009) afirma o seguinte:

A interculturalidade se caracteriza como um processo que implica em uma relação entre as pessoas de diferentes contextos que caracterizam o seu viver cotidiano, os quais se apóiam na historicidade das pessoas e do grupo. A dinâmica relacional se dá numa perspectiva de trocas de saberes e de bens tanto culturais quanto materiais, e ela se organiza como processo de negociações que caracterizam a vida em sociedade. Esse processo envolve interesses, poderes e saberes que caracterizando esse movimento em um processo como sendo político e ideológico (p. 9795).

Nesse contexto, podemos apontar a troca de cartas como elemento simbólico da interculturalidade. E ao promover a troca de saberes distintos, nos provoca a refletir, enquanto futuros docentes, sobre práticas didáticas para além da sala de aula.

A prática da escrita na elaboração das cartas tornou-se um meio de aplicação didático capaz de promover o desenvolvimento na ortografia e a discussão sobre diversos temas contextualizados às suas distintas realidades. Com maior ênfase, podemos destacar o intercâmbio da riqueza cultural que se apresentava entre essas relações estabelecidas. A

culminância desta ação através do encontro na aldeia Cipozal, possibilitou a todos os envolvidos reconhecer outra forma de transmissão de conhecimento dado pela oralidade.

A relação que se apresentava entre as escolas e a troca de cartas foram fundamentais para a efetiva interação que se mostrava através do futebol, do banho no ribeirão, do lanche compartilhado, da participação de toda a comunidade da aldeia Cipozal e da sua hospitalidade ao acompanhar os presentes no reconhecimento da aldeia. Foi interessante perceber como os diversos elementos de interação referidos acima eram constantemente resignificados pelos envolvidos nesta atividade.

Conhecer as realidades culturais entre as escolas parceiras permitiu aos seus discentes o conhecimento e a experiência de contextos culturais-históricos diferenciados. Na cidade de Tocantinópolis, a interação entre apinajé e kupen sempre foi marcada por conflitos e distâncias sociais, como afirma Gonçalves (1981):

(...) se tratando de duas populações referenciadas a códigos socioculturais distintos e contraditórios, essa proximidade cria um problema. Segundo DaMatta: nas situações de conjunção intercultural, o fator estrutural parece ser constituída pelo fato de termos sociedades diferentes confinadas num espaço geográfico, onde o contato entre elas não pode ser evitado. Em outras palavras, os componentes estruturais da situação são; a) distancia cultural e b) proximidade física. A ambiguidade do contato pode ser plenamente apreciada agora. Pois enquanto o componente b) proximidade física ou geográfica, gera um campo de forças sociais tendente a unir as duas populações, a ação do componente a), distância social (ou cultural), engendra exatamente o inverso (p.23).

O projeto colaborou, em parte, para a diminuição dessas distâncias, pois graças a essa atividade de integração os estudantes não indígenas permitiram-se à reflexão e desconstrução de certos equívocos acerca da identidade sociocultural dos povos tradicionais, assim como para os professores e alunos indígenas, que puderam reconhecer através desta prática pedagógica uma possibilidade de questionar os preconceitos atrelados à sua condição identitária, trocar conhecimentos e estreitar relações.

## CONCLUSÃO

Através desta ação conjunta, onde buscamos compreender e valorizar as realidades socioculturais de diferentes espaços da educação, tornou-se possível desenvolver ações de interações entre as referidas escolas, no qual permitiu repensar práticas pedagógicas a serem desenvolvidas no tocante da interculturalidade, realizando assim um dos principais objetivos do PIBID que é buscar, através da parceria entre a universidade e a escola, possamos

desenvolver práticas inovadoras que possibilitem um melhor desenvolvimento da educação escolar e do aprendizado dos licenciados. Nas nossas escolas campo, a trocas de cartas protagonizou metodologias que valorizam o contato intercultural e o uso de outros espaços de aprendizagem além da sala de aula, como a culminância dessa ação na aldeia Cipozal.

A interculturalidade desenvolvidas através das trocas de cartas no ambiente escolar contribuiu para um aproveitamento maior na aprendizagem dos alunos, pois, mesmo sendo uma ação e pratica pedagógica , proporcionou um estreitamento de laços culturais, artísticos e educacionais, mostrando outras possíveis faces do processo educacional.

Por meio deste trabalho os alunos tiveram condições de interagir com os textos, expressando conteúdo significativo, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades na leitura oral e escrita, estimulando o pensamento crítico, percebendo a importância da comunicação e respeitando as diversas ideias, contribuindo para extinguir barreiras existentes entre alunos kupen e comunidade Indígena.

## REFERENCIAS

DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. 2015. *Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles*. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal do Tocantins.

FREIRE, José Ribamar Bessa. 2002. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: *Cenesch: Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano*, Manaus, v. 1, p. 17-33.

GONÇALVES, José R. Santos. 1981. *A luta pela identidade social: o caso das relações entre índios e brancos no Brasil Central*. Rio de Janeiro-RJ. Dissertação de mestrado: UFRJ-Museu Nacional, 139 p. (Dissertação de Mestrado).

RADECK, Ereni. 2009. Interculturalidade e Educação Popular: Uma Reflexão com base em autores Alemães e Brasileiros. In: *Anais do IX Congresso nacional de educação*. Curitiba: PUC-PR, pág. 9794-9803.

NELSON, Dacio Tomazi. 2010. *Sociologia para Ensino Médio*. 2.ed. São Paulo: Saraiva.

TRAVALHA, Marcia Antônia; BARROS, Maria do Rozário Starling. 2013. *Português: Linguagens em Conexão*. São Paulo: Leya.